



## FORMADORES(AS) E SEUS LUGARES NA CONSTRUÇÃO DO TEMPO

Ricardo de Castro e Silva<sup>1</sup>

Construir e realizar as ações do projeto *Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nos Currículos da Educação Infantil* têm constituído um campo de desafios, avanços, resistências, escapes e controles desde sua proposição inicial em formar 500 educadoras (es) de cinco cidades envolvidas: Campo Grande, Campinas, Juiz de Fora, São Paulo e Lavras. Primeiramente, depois da aprovação do projeto pela SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade)

planejamos, usando ainda mapas e não cartografias, um momento de encontro e formação de 50 estudantes de diferentes cursos das cinco universidades que desenvolverão ações como monitores(as) nas ações em cada localidade.

Podemos dizer que usamos muitos mapas e pouca cartografia por deixarmos pouco tempo para as invenções e re-invenções do grupo. Durante este tempo sabíamos que teríamos várias resistências como as diferenças regionais, de formação (área), conceituais e de vivências no campo da diversidade sexual. Também encontramos as multiplicidades do grupo, ou seja,, os movimentos e movimentações de resistência e avanços diante de acontecimentos no decorrer deste encontro de formar **a ação**.

Mais um desafio, posto agora pelas condições econômicas, foi o local disponível. Era um antigo convento, cujas instalações foram adaptadas para reuniões e cursos. Os quartos disponíveis eram na verdade clausuras, colocadas num corredor longo e estreito. Descrevendo melhor, dormiríamos em quartos individuais, pequenos, com uma cama, uma cadeira e uma mesa para o apoio de bagagens. Outra alternativa eram quartos para 16 pessoas, com camas uniformes, mantendo espaços uniformes entre elas, num quarto de cores uniformes com janelas uniformes.

O mal estar se instalou desde o primeiro momento, com a sensação dos corpos que seriam delimitados por aqueles espaços e a vontade de muitas e muitos de poder ser acompanhados(as) por amigas(os) ou novos amigos(as), ou mesmo não ter que dividir sua intimidade com tantas pessoas em um quarto com 16 camas.

Estávamos em outro momento de uma mesma história das sexualidades, a sexualidade como controle dos corpos, nos espaços delimitados e solitários dos conventos, e a nossa história

---

<sup>1</sup> Psicólogo, mestre e doutorando Faculdade de Educação/UNICAMP.Contato: rics@terra.com.br



ocorrendo em 2010 nos encontrando para a discussão da temática de gênero e diversidade sexual no espaço padronizado de um convento.

Na sala maior, escolhida para as reuniões desmontamos pequenos altares, guardamos imagens, quadros religiosos e montamos uma tenda das sexualidades com figuras, livros e gravuras como o *Nascimento de Vênus* (Botticelli). O sagrado romano católico foi desmontado e cedeu seu lugar ao sagrado grego, instaurando-se ali o espaço da reflexão e debate de um tema (sexualidade) e de um espaço (agora) gregos.

Como forma de apresentação do grupo e de nossa história, propusemos a tarefa de escreverem seus relatos pessoais na linha do tempo colocada no pátio central da casa de encontros. Nesta linha do tempo eram registradas por nós, equipe de coordenação, principalmente o grupo de Juiz de Fora, responsável por esta atividade, marcas, acontecimentos, momentos no tempo ali representado, como os momentos de conflitos, conquistas e avanços dos movimentos sociais no campo do gênero e de outras questões sociais. Durante os três dias de trabalho esta linha foi sendo constituída pelos acontecimentos das vidas das pessoas ali presentes. Sendo a grande maioria de jovens universitários(as), foi delimitado o espaço dos anos 90 até os dias atuais. Algumas das demarcações foram o início de namoro, de prática heterossexual, de vivências homossexuais, de conquistas individuais na sua forma de viver o desejo sexual, marcas de reuniões, congressos, discussões e publicações.

Por que falar na história, por que mostrar a história nesta linha do tempo, no início deste relato?

Porque a idéia central deste projeto talvez seja a de que, em nome das relações de gênero e da diversidade sexual, mudanças possam ocorrer na escola e na vida das crianças. Isto podendo promover o re-fazer de histórias, re-escrever de roteiros do previsível através das tintas do por vir, dos acontecimentos que revelam o novo, o inesperado, o ainda não vivido, garantidos pelo desejo, conceito central na sexualidade. Um desejo que muitas vezes ultrapassa teorias, limites, definições e delimitações, permitindo que “o inesperado faça uma surpresa”.

Hoje, passado o primeiro semestre deste projeto, num trabalho contínuo de formar a ação de professoras(es), monitores(as) e especialistas da chamada educação infantil, podemos afirmar a importância da mudança de roteiros, de mapas (planejamentos) e dos relatos e constatações do receio frente ao inesperado, diante de situações onde não existem regras, normas, ou onde as normas existentes já são questionáveis e inúteis diante da expressão do desejo.



Podemos dizer que nosso projeto (hoje com aproximadamente 600 pessoas, não contando as crianças, o que somaria 9 mil) pode ser reconhecido como uma tentativa de intervir nos jogos da referida sociedade disciplinar de que nos fala Deleuze, deslocando-nos para a idéia da sociedade de controle.

Foucault situou as sociedades disciplinares nos séculos XVIII e XIX; atingiu seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (‘você não está mais na sua família’), depois a caserna (‘você não está mais na escola’), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência [...]. Mas o que Foucault também sabia era a brevidade desse modelo: ele sucedia as sociedades de soberania cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, do que organizar a produção, decidir sobre a morte, mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade à outra. Mas as disciplinas também conheceriam uma crise, em favor das novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitavam depois da Segunda Guerra Mundial: sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser. [...] São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. ‘Controle’ é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizavam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas”. (DELEUZE, apud GALLO, 2003, p.106,107).

Com certeza, nas salas de aula da educação infantil, nos pátios, nos corredores, atrás das árvores, os modos de controle dos corpos de meninos e de meninas estão sendo cada vez mais “apurados” e “desenvolvidos” e nos parece num primeiro olhar, tendo como referência os relatos das professoras, que os corpos masculinos estão mais sob controle do que os femininos, pois agora quem apresenta “diferenças perigosas” são meninos “diferentes” e que na verdade correm o risco de se tornarem homens “não tão homens” ou pelo menos no padrão masculino de virilidade esperado pela família e pela sociedade.

Quando problematizamos junto às professoras estas inúmeras tentativas de controle sobre o corpo masculino “diferente”, uma colocação presente se refere à sua “culpa” por ter “permitido” um determinado ato “diferente” de meninos “não tão masculinos” e com isto seriam responsáveis por sua homossexualidade anos depois. Colocam também que no caso de escolas confessionais, tradicionais onde lecionam não seguir as regras estabelecidas, que é a não permissão de determinadas experimentações por parte dos meninos, significa sua demissão do cargo, perdem sua sala de aula e seu emprego.



Gênero é o conceito central com o qual tecemos a problematização e as ações decorrentes desta no cotidiano dos encontros com as professoras. Gênero compreendido não como desenvolvimento de papéis masculinos e femininos, mas como um intrincado e complexo campo de jogos de poder no qual incluímos o poder das professoras e professores em seu cotidiano de sala de aula, bem como o poder dos seus alunos e alunas, meninos e meninas com os quais convivem (ou não) diariamente.

A publicação *Gênero, Sexualidade e Educação, uma perspectiva pós-estruturalista*, de Guacira Lopes Louro tem sido uma das referências de leitura das professoras e professores do projeto e nela encontramos colocações centrais, dentre elas:

[...]O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são “trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico”. [...] Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (LOURO, 1997, p 22)

Quando as professoras falam das culpas, das normas, das limitações de suas instituições na relação com meninos “diferentes”, entendemos que estamos falando das relações desiguais entre sujeitos ligadas também às representações.

Como isto estaria presente na construção da linha do tempo no início do processo de formação dos monitores bolsistas, antes mesmo da chegada das professoras, professores e destas nove mil crianças? Como a questão de gênero e do gênero masculino se apresenta nesta construção do tempo? Que sinas teriam estas masculinidades nesta história recriada, montada com todas as histórias pessoais das masculinidades presentes na formação? Quais seriam as ligações destas histórias com as histórias que as crianças nos contam?

Talvez pudéssemos encontrar não continuidades e sim descontinuidades nestas construções de gênero e isto de fato aconteceu na convivência com todas as diferenças que compunham o grupo.

Iniciamos com a formação dos bolsistas e depois dos professores e professoras. A formatação das ações e da construção de fôrmas. Sair das delimitações, do esperado e aguardar o que virá. Mas o que virá? Não sabemos. E podemos desfrutar desta magia de não saber.

Quem sabe conseguir o inusitado: modificar, interferir nas fôrmas muitas vezes formatadas pelas palavras, poder mexer nas palavras, inventar novas palavras e deixar de usar palavras que já não nos servem. Larrosa em uma de suas falas em eventos no Brasil nos provoca exatamente a ousarmos mexer com as palavras:



Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar, as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.<sup>2</sup>

Que no encontro com as crianças, com este Outro diverso e diferente, inesperado do por vir, possamos juntos inventar novas palavras ou ficar sem palavras a dizer diante de novos acontecimentos. Ficarmos sem palavras diante das crianças e isto seria ótimo. Um ótimo lugar para chegar ou, de partida

### *REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

- GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação** - Belo Horizonte:Autêntica,2003.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas/4 ed., tradução Alfredo Veiga Neto,-Belo Horizonte:Autêntica, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ:Vozes,1997.
- NETO, Alfredo Veiga. **Foucault & Educação**. – 2 ed. Belo Horizonte:Autêntica,2005.

---

<sup>2</sup> **Notas sobre a experiência e o saber de Experiência**, Jorge Larrosa Bondía (Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por *Leituras SME*; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC.